

LUIZ BELTRÃO

JORNALISMO OPINATIVO

editora **SUUNA**

PORTO ALEGRE • RS

CAPÍTULO QUARTO

A OPINIÃO DO JORNALISTA

Ainda que haja manifestações editoriais firmadas por jornalistas, como era o caso dos artigos de Assis Chateaubriand, fundador, inspirador e mentor dos *Diários Associados*, cujos artigos traduziam com absoluta fidelidade a linha da "cadeia", a opinião do jornalista profissional a serviço da empresa está presente em todas as edições, seja em colunas opinativas a seu cargo, em páginas ou seções especiais ou em reportagens e correspondência sobre fatos e situações que lhe compete "cobrir" como "enviado especial" de confiança do editor.

Estão nessa categoria de opinantes profissionais os *comentaristas* ou *cronistas* de política, esportes, economia e finanças, religião, assuntos urbanos, vida social, modas, educação e ciência etc., e os *críticos especializados* em literatura, artes plásticas e musicais, rádio, televisão, discos, cinema, turismo e outras atividades do lazer. Ligados à empresa por laços empregatícios, esses agentes culturais têm a seu cargo, em regra, a chefia do departamento competente, contando com repórteres encarregados da cobertura dos diversos setores da área. Cabe-lhes, além de coordenar as atividades de reportagem, manter constante contato com o departamento de pesquisa (arquivo) do jornal, realizar investigações próprias e consultar fontes confidenciais, capacitando-se, desse modo, a exercitar seu espírito crítico, através da matéria jornalística opinativa que assina em torno do *fato do dia* na área sob sua responsabilidade.

A opinião do jornalista, como a do *colaborador* convidado da empresa, se expressa em *artigos* e *crônicas*. Esses gêneros, como o editorial, constituem manifestações daquela terceira dimensão do jornalismo, "a dimensão de profundidade", de que fala Mostaza¹, editorialista do *Ya*, de Madrid; dele diferem, contudo, porque escapam aos limites da ideologia restrita do editor, dos princípios gerais e das teses orgânicas da empresa, dos compromissos e diretrizes que esta mantém e busca traçar para o comportamento público.

1 — MOSTAZA, Bartolomé. "Editoriales". In: *El Periodismo — teoría y practica*. Barcelona, Noguer, 1953.

ARTICULISTAS E CRONISTAS

O *artigo*, cujas características quanto à topicalidade, estilo e natureza são idênticas às do editorial, e cuja estrutura (título, introdução, discussão/argumentação e conclusão) é também semelhante, não implica diretamente em responsabilidade para o editor. Por isso, alguns periódicos, como é o caso da *Folha de São Paulo*, fazem inserir no expediente ou sob a epigrafe da página em que os divulgam, o seguinte registro: "Os artigos publicados com assinatura dos autores *não traduzem necessariamente a opinião do jornal*. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo."

Em regra, os autores de artigos são pensadores, escritores e especialistas em diversos campos, e cujos pontos de vista interessam ao conhecimento e divulgação do editor e seu público típico. São eles convidados a colaborar e se lhes paga o trabalho intelectual, diretamente, sem vínculo empregatício, ou através de agências, como os *syndicates* norte-americanos.

Também na maioria dos casos, entre nós, as idéias expostas nos artigos de colaboradores coincidem com as do editor. O jornal paulistano a que nos referimos vinha publicando editoriais, no ano de 1977; incidentes com a censura então implantada no País fizeram-nos desaparecer quase totalmente, substituídos por matérias assinadas², cujos autores, responsáveis pelas sucursais no Distrito Federal e nas capitais de alguns Estados, eram identificados por suas iniciais.

Dissemos que os articulistas são convidados. De fato, raramente um autor desconhecido do editor e do público (aqui incluídos muitos redatores principais do *staff* redacional) tem as honras da inclusão de seu artigo na página nobre do jornal (ou no horário nobre e/ou adequado dos programas jornalísticos do rádio e da televisão). Articulistas e cronistas são autênticos literatos, e, não tendo, como o profissional do dia-a-dia, de submeter-se à maior pressão do tempo reduzido da produção coercitiva diária, podem burilar suas matérias, não raro tornando-as antológicas e conferindo-lhes aquela perenidade que constitui exceção no exercício da atividade jornalística.

O convite a um escritor para que se encarregue de um ou alguns artigos (ou crônicas) por semana é um reconhecimento do seu valor literário e uma homenagem ao seu talento crítico e ex-

2 — Esses artigos, publicados nas três colunas à esquerda da 2.ª pág., evidentemente substituíam os editoriais, ainda no período de 1 a 10 de fevereiro de 1978, quando realizamos o estudo morfológico e de conteúdo para este ensaio. Os editoriais foram restabelecidos dias depois com a evolução da situação política do País.

positivo. Por isso, o leitor espera que o articulista não incorra nos vícios estilísticos, notadamente no lugar-comum ou na redundância, facilmente observáveis na produção de editoriais e comentários dos “escritores públicos” ou “de ofício”, aos quais, muitas vezes, o “livro de estilo” ou as exigências da diagramação levam a essas malsinadas práticas.

A colaboração espontânea, gratuita, que teve seus dias, atualmente é transferida para a secção opinativa do leitor. (Na relação das matérias publicadas no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, no período analisado, encontramos cartas com comentários e pontos de vista de intelectuais, inclusive professores universitários, e autoridades.) O fato indica não um despreço aos colaboradores interessados mas a evolução natural do exercício da literatura para a profissionalização. Na verdade, alguns escritores famosos de ontem e de hoje começaram sua carreira de articulistas nesta vala comum, como foi o caso de Monteiro Lobato, cuja carreira literária e jornalística se iniciou pela publicação em *O Estado de São Paulo* de uma carta sobre as queimadas, ainda hoje largamente praticadas pelos agricultores do *hinterland* brasileiro.

A publicação de artigos valoriza muito um veículo jornalístico, e ainda mais quando o editor, como o fazia Orlando Dantas, fundador do hoje extinto *Diário de Notícias*, do Rio, jamais interfere nos temas e opiniões expressas pelos seus autores, mesmo contrários às suas próprias idéias e arriscadas para os interesses puramente empresariais.

Quanto à *crônica*, é a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, idéias e estados psicológicos pessoais e coletivos. É menos ambiciosa que o artigo e menos rígida, pois na exposição e interpretação do tema abordado não se eleva a generalizações teóricas. O comentário é leve, concreto, incisivo; as conclusões oferecem normas e julgamentos específicos e diretos.

Lowenstein³, graduado da Escola de Jornalismo da Universidade de Colúmbia e ganhador de diversos prêmios, assim a define: “O noticiário representa para o jornalista o seu pão de cada dia... a crônica representa a sobremesa. Ela permite ao jornalista afastar-se do controle frio, analítico e objetivo do noticiário e trabalhar com o coração. Dá-lhe oportunidade de ser subjetivo, emotivo, terno e, sobretudo, criador.”

Como os demais gêneros jornalísticos, a crônica está visceralmente ligada à atualidade. Até mesmo pela sua etimologia (*chronos* = tempo) e pelo seu sentido tradicional de relato de acontecimen-

tos em ordem cronológica. Em sua origem, era um gênero histórico. Evoluindo, vestiu roupagem semântica diferente: englobou à narração o comentário; deixou de parte o rigor temporal (o que passa) da atualidade para fixar-se no seu rigor filosófico (o que atua). A crônica jornalística é hoje definida como “uma composição em prosa, breve, que tenta (ensaia), ou experimenta, interpretar a realidade à custa de uma exposição das reações pessoais do artista em face de um ou vários assuntos de sua experiência... exprime uma reação franca e humana de uma personalidade ante o impacto da realidade. (É um) gênero elástico, flexível, livre, permite a maior liberdade no estilo, no assunto, no método...”, conforme Afrânio Coutinho⁴.

A CRÔNICA: CLASSIFICAÇÃO

Tempo houve, logo ao início da Revolução Industrial na imprensa, que a crônica entrou em recesso. O jornal se transformara em *big business*: deixara de ser de propriedade privada para pertencer a um grupo, passara de empresa individual para empresa coletiva. A opinião do jornalista foi sufocada: ele virara peça da maquinaria industrial. “O leitor — escreve Fraser Bond — não mais identificava a fonte individual das opiniões. Lia o que *The Sun* ou o *News* ou o *Star* tinha para dizer. O velho “eu” familiar tinha cedido ao “nós” editorial... Os leitores dessas primeiras folhas anônimas provavelmente as consideravam frias e impessoais; sentiam a falta do calor e vigor do pessoal.”⁵

A preferência do leitor pelas opiniões individuais, sua escassez de tempo para ler todas as matérias publicadas, levando-o a procurar aquelas secções que dissessem respeito aos seus interesses profissionais ou respondessem aos reclamos imediatos do seu espírito, juntamente com a variedade de temas que exigia pessoal habilitado em cada setor da atividade humana para atender a demanda da audiência foram motivos predominantes, econômica e socialmente falando, do retorno dos cronistas ao jornalismo. Em algumas ocasiões, como já frisamos, as matérias jornalísticas firmadas servem de salvaguarda legal à empresa, reduzindo, quando não excluindo-a, do ônus da responsabilidade criminal.

Foi a variedade de temas que caracterizou os diferentes tipos de crônica no jornalismo moderno, que podem ser assim classificados:

4 — COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*, Rio, Civilização Brasileira, 1965.

5 — BOND, J. Fraser. *Introdução ao jornalismo*, Rio, Agir, 1959.

3 — LOWENSTEIN, Ralph L. “Crônica do Dia das Mães”. In: *Jornalistas em ação*, Rio, Agir, 1965.

1. Quanto à natureza do tema:

a) *crônica geral* (também chamada *coluna* ou *seção especial*, embora distribuída em duas ou mais colunas e de extensão variável), na qual o autor aborda assuntos os mais variados, sob uma epígrafe geral ou sob forma gráfica ou localização em página fixa;

b) *crônica local* (também conhecida como *urbana* ou *da cidade*, divulgada sempre sob a mesma epígrafe, em página e coluna fixa, podendo ou não levar subtítulo), na qual seu autor glosa a vida quotidiana da cidade, atuando como uma espécie de receptor e orientador da opinião pública da comunidade-sede do jornal;

c) *crônica especializada* (igualmente chamada *comentário*, integrando página ou seção determinada, com apresentação gráfica do texto diversa das demais matérias ali publicadas), na qual seu autor focaliza apenas assuntos referentes a um campo específico de atividade, no qual é um *expert*: política, esportes, economia etc.

2. Quanto ao tratamento dado ao tema:

a) *analítica*, em que predomina a dialética: os fatos são expostos com brevidade e logo dissecados com objetividade. O cronista dirige-se mais à inteligência do que ao coração: o texto tem características de um pequeno ensaio "científico", inclusive na linguagem sóbria, elegante, enérgica, embora não lhe devam faltar capricho e graça;

b) *sentimental*, em que predomina o apelo à sensibilidade do leitor, retirando-se dos fatos e explorando-se aqueles aspectos pitorescos, líricos, épicos, capazes de comover e influenciar para a ação num impulso quase inconsciente. A linguagem é vivaz; usam-se mais qualificativos, mais gerúndios; o ritmo é ágil e a apreciação do tema não tem profundidade dialética. (Por vezes, até mesmo a linguagem poética é utilizada pelo cronista, em substituição à prosa, como se observa em algumas crônicas de Carlos Drummond de Andrade);

c) *satírico-humorística*, em que o objetivo é criticar, ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens ou pronunciamentos comentados, com finalidade de advertir ou entreter o leitor. A apreciação é superficial e, quanto à linguagem, empregam-se os tropos, os verbos no futuro do pretérito, palavras aspeadas ou de duplo sentido. O tipo satírico-humorístico só atinge sua finalidade quando o personagem, a idéia ou a situação que lhe serve de tema é amplamente conhecida do público. Nisso, a crônica se assemelha à *charge* do desenhista/caricaturista de jornal.

A CRÔNICA: ESTRUTURA E REDAÇÃO

As fontes em que se abebera o cronista para a realização do seu trabalho são: 1) as idéias em curso na comunidade; 2) a informação que consegue recolher sobre fatos e situações; 3) a própria notícia deles; e 4) as suas emoções pessoais.

Para estruturar a crônica, terá o jornalista de cumprir as seguintes etapas:

1. *Dominar o tema*, ou seja, calcular toda sua extensão e alcance, a força daquilo que chegou ao seu conhecimento ou tocou sua sensibilidade, inteirando-se amplamente de suas causas, aspectos significativos, seqüência lógica, efeitos imediatos e provável repercussão.

2. *Selecionar os dados*, regendo o tema para levá-lo ao conhecimento público no que tenha de veraz, conveniente e oportuno, observando as normas práticas e éticas que presidem o exercício da divulgação ou supressão de matérias de interesse jornalístico, com vistas sempre ao desenvolvimento, bem-estar e maior proveito da comunidade.

3. *Redigir o texto*, que compreende três fases distintas e sucessivas: a) *introdução* ou enunciação do tema; b) *argumentação* ou desenvolvimento do raciocínio e c) *conclusão* ou emissão do juízo sobre o tema, com o que se adota uma conduta, se oferece uma solução ou se traça um rumo para o leitor, incitando-o à ação.

Pertencendo especificamente à categoria estética *expositiva*, a crônica tem por objetivo interpretar um tema, utilizando argumentos, ora lógicos, ora sugestivos e persuasivos, em um conjunto ordenado para levar o leitor à aceitação do juízo último.

Na *introdução*, usualmente vem o aspecto noticioso, informativo da crônica. O jornalista enuncia o tema em torno do qual irá bordar seus comentários, desenvolver seus motivos e idéia. A notícia é quase sempre sintética (QUEM, QUE, QUANDO), seguindo-se logo a apresentação da premissa maior, ou seja, do predicado, do atributo da conclusão. (V. a crônica-exemplo — *O dia das aves*, de Humberto de Campos). Aqui, há uma obediência cega às qualidades estilísticas de clareza e concisão, sob pena do leitor perder o fio da meada, não sabendo por que o autor descobriu tal ou qual característica ou aspecto no tema lançado. Como acontece com a cabeça (*lead*) de qualquer notícia, a introdução da crônica é a parte em que o campo de criação literária do autor é mais restrito.

Segue-se a *argumentação*, na qual se alinham os raciocínios, as idéias se desenvolvem numa seqüência rítmica, exigida por ou-

tra qualidade do estilo — a unidade. O autor não esquece a premissa inicial e procura conduzir o leitor à premissa menor, ao sujeito da conclusão, à identificação irremediável, irrecorrível, definitiva do seu julgamento. Permite-se-lhe, nesta parte, muito mais liberdade criadora. Usa, por isso, de todos os meios de que é capaz para transmitir sua mensagem com força vital: a citação, a alusão histórica ou literária, a máxima, o provérbio, a metáfora, a alegoria, o paradoxo, o humour, o trocadilho. Matiza o texto com o jogo do maravilhoso — que oferece sugestão de quimeras, sonhos, aspirações cristalizadas em riquezas, conquistas, vitórias e feitos extraordinários; com o jogo do comum — extraíndo dados do quotidiano, do terra-a-terra, das idéias simples aceitas por todos; ou com revelações interiores dos próprios sentimentos, mostrando-se sincero, melancólico, cético, apaixonado, rebelde, indiferente, seguro, de acordo com a tônica reclamada pelo argumento. Deve, ainda, aqui, o cronista prevenir-se contra argumentos contrários ao seu ponto de vista para antecipá-los e reduzi-los logo, como se pode observar na crônica-exemplo citada.

Final, na *conclusão*, o cronista torna a emitir seu juízo sobre o tema, agora como resultado da inferência que arrancou da premissa maior por intermédio da premissa menor. O leitor conhece o sujeito e o predicado da proposição e está capacitado a aceitar a solução, o rumo indicado pelo jornalista. Por isso, a linguagem é axiomática: o tema está tão evidentemente exposto e debatido, é tão incontestável que, teoricamente, não admite mais desacordo. (Observe-se o tom imperativo do último período da crônica-exemplo).

Articulistas e cronistas terão alcançado a finalidade do seu trabalho quando os efeitos dos seus juízos fortalecem correntes de opinião e conduzem a comunidade à ação.